

INSTITUTO SÃO BENEDITO: O USO DA HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA PARA ANALISAR SUA HISTÓRIA

CALDEIRA, Jeane dos Santos¹; AMARAL, Giana Lange do²

¹ Bolsista PIBIC/CNPq/CEIHE de agosto de 2008 a julho de 2011, Pedagoga pela FaE/UFPEl 2011/1 - jeanecal@yahoo.com.br; ² Departamento de Fundamentos da Educação - FaE/UFPEL- Orientadora FaE/UFPEl/CEIHE - gianalangedoamaral@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O estudo da história de uma Instituição Educacional permite ao pesquisador utilizar diversos tipos de fontes, dentre elas as fontes orais, que são fundamentalmente marcadas pela subjetividade. Conforme Thompson, “apenas a fonte oral nos permite desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta” (1992, p. 197). O uso da fonte oral passa a ser uma ferramenta importante para o trabalho do pesquisador, além disso, nos proporciona voltar aos fatos do passado na tentativa de entender o presente. Segundo Amaral “a compreensão de nossa realidade atual e suas características leva-nos sempre ao passado, à origem do processo que estamos vivenciando” (2005, p. 15).

Na tentativa de regionalizar os estudos históricos, este texto decorre de uma pesquisa mais ampla que está inserida no âmbito da História da Educação, tendo por base a História oral, dentro da modalidade de História oral temática, como metodologia de pesquisa. Nele são utilizados relatos orais de três Irmãs religiosas que atuam no Instituto São Benedito de Pelotas, RS desde 1991. As entrevistas focaram seus testemunhos, suas vivências dentro da Instituição e seu contato diário com as alunas.

A pesquisa tem como principal objeto, o Instituto São Benedito, antes denominado no período de 1901 a 1951, Asilo de Órfãos São Benedito, fundado no dia 6 de fevereiro de 1901 e inaugurado oficialmente no dia 13 de maio do mesmo ano.

A Instituição foi criada por Luciana Lealdina de Araújo, também conhecida por “Mãe Preta”, filha de mãe escrava, que dedicou sua vida fazendo caridade aos mais necessitados. Luciana atuou no Asilo durante 7 anos e em 1908 mudou-se para Bagé (cidade em que faleceu no ano de 1930), juntamente com suas três filhas de criação, Alice, Avelina e Julieta.

Até 1912, o Asilo de Órfãos foi administrado por uma diretoria leiga formada por membros da sociedade pelotense e no dia 25 de setembro do mesmo ano, a diretoria da época entregou os serviços assistenciais da entidade, à Congregação do Puríssimo, atual Imaculado Coração de Maria, que ficou encarregada de desenvolver o ensino primário e as orientações dos serviços domésticos.

A função desempenhada pelo Asilo foi fundamental na vida das meninas carentes, pois durante muitos anos a obra assumiu ao mesmo tempo o papel da família, escola, igreja e da sociedade que tem responsabilidade em ajudar no bem estar daqueles que mais necessitam.

Em momentos anteriores, o foco da pesquisa foi a análise da história do Instituto através de documentos escritos e fotografias do acervo da Instituição. Após a análise destas fontes, no atual estágio da pesquisa, optamos por trabalhar com fontes orais, através da metodologia de História oral.

De acordo com Alberti:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (2008, p. 157).

A História oral, conforme Meihy, “é sempre a história do tempo presente e é reconhecida como história viva” (1996, p. 17). Mesmo fazendo o uso dessa metodologia, não descartamos o uso das fontes escritas na pesquisa. Sobre o cruzamento destas fontes, Magalhães destaca que “o historiador não pode deixar de deitar mão da informação oral [...] Mas tal recurso não pode deixar de contrapor-se à informação escrita” (1996, p. 17).

2 METODOLOGIA

A metodologia de História oral foi aplicada através de três entrevistas (uma por depoente) semidirigidas¹, gravadas em um aparelho de MP4 e realizadas no próprio Instituto São Benedito. Todo processo com as entrevistas foi dividido em três momentos conforme Alberti sugere: “a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento” (2008, p. 171).

Foram utilizados como fonte de pesquisa alguns documentos escritos entre eles: periódicos e Anais do Cinquentenário. Na Bibliotheca Pública Pelotense foram analisados o primeiro e segundo estatuto do Instituto. No atual estágio da pesquisa, as fotografias estão sendo utilizadas a cargo de ilustração e não de análise.

Como fundamento teórico-metodológico, vem sendo utilizados os estudos de Alberti (2005), Amado e Ferreira (2006), Amaral (2005), Magalhães (1996), Meihy (1998), Thompson (1992) dentre outros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira entrevista foi realizada com a Ir. Julieta Bertuol, diretora interna da Instituição que tem curso superior de Pedagogia e Supervisão Escolar. Nascida em 1942 na cidade de São Francisco de Paula/RS, iniciou na vida religiosa aos 14 anos na cidade de Santos/SP. Em 1964 foi para cidade de Rio Grande onde ficou pouco mais de 23 anos e depois passou mais 6 anos na cidade de Taquari antes de ser solicitada pela Congregação para assumir a direção do Instituto.

Outra Irmã que também está há muito tempo na Instituição é a Ir. Oneide Bordignon, mais precisamente desde 1991. Natural da cidade de Casca, região de Passo Fundo/RS, a segunda entrevistada nasceu em 1947 e entrou para vida religiosa também aos 14 anos. Curso Magistério e Administração (curso de férias) e antes de ser transferida para Pelotas trabalhou durante 15 anos em uma creche na cidade de Rio Pardo/RS. Sempre de bom humor, muito querida pelas alunas,

¹ Conforme Bonazzi em um dos artigos do livro “Usos e Abusos” (2006) “é com frequência um meio-termo entre monólogo de uma testemunha e um interrogatório direto” (2006, p. 237). Alguns autores usam a expressão semi-estruturadas.

relatou que foi transferida para o Instituto para fazer o acompanhamento com as crianças apadrinhadas.

O meu trabalho aqui dentro é com as meninas apadrinhadas num convênio que temos com a Alemanha. KNH² antigamente era AMENCAR - Amparo ao Menor Carente. São famílias da Alemanha que assumem uma criança, adolescente, como afilhada, isso através de cartas, cartões, eles se comunicam, nem todos, mas a maioria escrevem cartas para suas afilhadas e vice-versa (Ir. Oneide Bordignon, 23/05/2011).

Os trabalhos na cozinha da Instituição são coordenados pela Ir. Angélica Tebaldi. Nasceu em 1932 na cidade de Serafina Correia e entrou para vida religiosa aos 19 anos. Sempre com muitos afazeres, leva uma vida muito agitada no Instituto, pois não consegue parar um momento, essa é uma característica sua muito marcante. Por isso, a entrevista foi rápida, com respostas sucintas. A Irmã descreve sua função da seguinte forma: “aqui dentro eu trabalho mais com as funcionárias, com os cardápios da cozinha, da merenda das crianças, cuido das crianças, almoço e trabalhos manuais junto com a Irmã Oneide” (26/05/2011).

Pelos relatos constata que as Irmãs fazem um trabalho semelhante ao realizado pelas Irmãs da Congregação desde 1912, quando estas assumiram a Instituição, antes denominado Asilo São Benedito. Às acolhidas no Asilo eram oportunizadas aulas de costura, bordado, elas aprendiam a lavar, engomar, enfim, serviços próprios para se tornarem boas esposas, boas mães e aptas para os trabalhos domésticos. Atualmente, também ocorre um trabalho semelhante na Instituição conforme relata a Ir. Oneide:

Elas têm aulas de bordado, trabalho com sucatas, fuxicos, tão muito agora nessa parte de fuxico, elas fizeram agora para o dia das mães uma almofada, feita de retalhos, deram de presente pras mães, agora estão fazendo outra pra elas venderem. Eu acompanho elas também em pintura em tecido [...] pintam um pano pra elas e outros pintam pra casa pra elas também contribuir um pouco e esses a gente vende pra comprar o material. Pra elas entenderem que não é só receber, mas saber contribuir uma parte pra não criar esse assistencialismo e perceberem que, faz parte da vida a contribuição. Até realiza mais a pessoa quando pode contribuir com alguma coisa (Ir. Oneide Bordignon, 23/05/2011).

A Irmã explica que esta prática de vender parte do material que é produzido pelas alunas, também é para mostrar a estas que as pessoas muitas vezes adquirem o que têm com dificuldade, com o trabalho, não recebem as coisas de forma gratuita e sim através do esforço e dedicação. Esta prática também é antiga na Instituição, estava prevista desde o primeiro Estatuto de 1902:

Com licença do Presidente as asyladas poderão incumbir-se de trabalhos de agulha, lavagem e engommado de roupa de fora do estabelecimento, mediante preço ajustado pela directoria, com aprovação da Zeladora em exercício, e esta receberá para entrega-lo ao Thesoureiro (Estatutos do Asylo de Órfhãs S. Bedicto, 1902, p. 3).

² Kindernothilfe (KNH) - é uma agência de desenvolvimento, fundada em 1959 na Alemanha, com enfoque na criança e no adolescente

Os tempos são outros, a intenção da Instituição não é mais preparar as alunas para serem “boas domésticas e esposas” e sim para inclusão social. Muitas Irmãs passaram pela Instituição, trabalharam para fazer o bem aos que necessitavam. Mesmo sem fazerem exclusão de meninas brancas, ainda significativa parcela das alunas são negras, vindas das zonas periféricas da cidade, filhas de mães empobrecidas de baixa renda, cuja maioria tira seu sustento através do trabalho doméstico.

Fazem seu trabalho com amor, aliás, para elas, este é diferencial da Instituição, conforme enfatiza a Ir. Angélia “o diferencial eu acho que é o amor que a gente coloca. A gente não mede horário, não mede nada. Ficamos sempre em contato com as mães, em tudo que precisa” (26/05/2011) e a Ir. Oneide conclui dizendo que “aqui há afetividade assim, a gente tenta fazer tudo que a gente poderia, nos dedicamos a elas com paciência, porque às vezes não é fácil” (23/05/2011).

E se foi por amor as crianças abandonadas que Luciana Lealdina de Araújo fundou o Asilo no início do século XX, é por amor que as Irmãs da Congregação do Imaculado Coração de Maria, junto com a participação de voluntários e de sócios, conseguem dar continuidade a assistência que tem como lema o amor, educação, caridade e valorização da criança empobrecida.

4 CONCLUSÃO

No essencial, este trabalho procura demonstrar que passados mais de um século, os feitos de Luciana Lealdina de Araújo continuam servindo de exemplo para dar continuidade a esta obra filantrópica.

As narrativas das Irmãs são consideradas de extrema importância para pesquisa que vem sendo realizada, pois há quase 20 anos elas que estão em contato direto com as alunas, desempenhando seus trabalhos com dedicação e afetividade.

Por fim, cabe enfatizar que mesmo depois de passar pelas fontes escritas e iconográficas, as fontes orais nos abrem uma infinidade de possibilidades para continuar pesquisando a história do Instituto São Benedito, que tanto contribuiu para a educação e o assistencialismo no município de Pelotas.

5 REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 157-202.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de MORAES. **Usos e Abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AMARAL, Giana Lange do. **O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da História da Educação em Pelotas**. 2. ed. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

MAGALHÃES, Justino. **Contributo para a História das Instituições educativas – entre a Memória e o Arquivo**. Portugal: Universidade do Minho, Mimeo, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.